French's" (patinadores), os Irmãos Eric ("voadores"), as artistas parisienses "Mademoiselles Morrisson" (género *canaille*, então em voga nas casas de espectáculos da capital francesa) e os inevitáveis palhaços Irmãos Carpi. Ainda visitaria a Figueira mais algumas vezes, a última em 1908, ano em que fez toda a época de Inverno.

Uma das companhias de maior nomeada foi a do Circo Mejstrick, companhia equestre, ginástica, acrobática, cómica e mímica, dirigida por uma mulher, que actuou em Agosto de 1904, num espaço recentemente construído no parque do Casino Peninsular. Voltou a exibir-se no ano seguinte.

Em Fevereiro de 1915, esteve aqui em digressão a Companhia do Cirque Royal de Bruxelles, que passou pelo Parque-Cine; em Agosto do mesmo ano, na esplanada situada em frente do Mercado Engenheiro Silva, deu espectáculos uma Companhia Equestre, Ginástica e Acrobática que trabalhava no Circo Americano.

O Circo Luftman trabalhou na Figueira em 1922 e 1925, num circo volante instalado nos terrenos junto à capitania do Porto e depois no teatro do Parque, durante a época balnear (Agosto e meados de Outubro). Era um dos clássicos circos de cavalinhos, pois os elementos da família do director eram especialistas nos trabalhos equestres. Além disso, tinha os habituais números de palhaços, acrobatas saltadores e um "velocipedista aéreo".

Outro espaço de realização de espectáculos deste género foi o Salão de Inverno do Casino Peninsular. Nos primeiros dias de 1927, esteve em exibição uma Companhia Internacional de Circo que tinha tido grande sucesso no Coliseu dos Recreios, em Lisboa. Maravilharam o público, em especial, Ivanof, o domador de leões, e os *clowns* (Gordo e Jean).

O Circo Mariano exibiu-se no Quebra-Mar, em Abril de 1938. A grande atracção era o elefante Mago, com mais de três toneladas de peso, que dançava a Carioca e "fazia a barba ao público". No mesmo ano (em Agosto) e no mesmo local, o Circo Cardinali apresentou os seus trabalhos.

Em 11 de Maio de 1940, deu-se a primeira exibição da Companhia de Circo do Ginásio Clube Figueirense, que a imprensa da época considerou uma demonstração da vitalidade associativa e do "invulgar nível cultural da nossa terra"[450]. O espectáculo abriu com a parte artístico-cultural, a cargo de um quarteto vocal, da

[450] *O Figueirense*, 18 de Maio de 1940, p. 3.

Orquestra Típica Cubana e de "excêntricos musicais". Seguiram-se os números de ginástica (argolas, trapézio, saltos, equilíbrio no arame), de tiro, de prestidigitação e transmissão do pensamento (pela Troupe Siang-Li-Fu), terminando a festa com os palhaços.

O Circo do Coliseu dos Recreios de Lisboa, constituído por artistas de reconhecida categoria, actuou no Quebra-Mar, junto ao Forte de Santa Catarina, em 1941. Tinha todos os ingredientes indispensáveis para atrair o público, em especial o das classes populares: animais ferozes, ciclistas, cascadores cómicos, trapezistas cómicos, cavalos andaluzes, palhaços e anões.

Uma outra companhia, onde predominavam os números de cavalos e de amansadores de feras, mas onde não faltavam os palhaços, os acrobatas e os equilibristas, foi a do Circo Anastasini, que veio à Figueira nos finais de 1942, trabalhando ao fundo do Passeio D. Henrique.

3.8. Touradas

As primeiras corridas de touros tiveram lugar na Praça do Comércio, recolhendo as reses a um curro, situado numa rua das imediações que, durante muito tempo, manteve precisamente o nome de R. do Curro (que já aparece em documentação de 1816). Para esse efeito aquela Praça era vedada com carros e troncos de madeira.

Em 1840, existia um redondel no Pinhal, no sítio que, desde então, passou a ser conhecido por Largo do Touril. Rodrigo de Oliveira e Sousa, negociante e "empresário da praça de touros", apresentou um requerimento à Câmara Municipal solicitando o arrendamento, pelo prazo de um ano, do terreno "em que se acha(va) a praça dos toiros" pelo prazo de um ano. Na sessão de 22 de Janeiro de 1840, foi-lhe exigido o pagamento de 5 moedas, pelo que o requerimento foi retirado. A Câmara deliberou então que a dita praça fosse demolida, mas voltou atrás, na sessão de 8 de Fevereiro, para não prejudicar a empresa, arrendando-a por três moedas.

Por volta de 1849, a Figueira era considerada uma "terra fanática pelo divertimento das corridas de touros"[451]. E o ardor e a indisciplina dos espectadores eram de tal ordem que o Administrador do Concelho, João Pedro Fernandes Tomás, se via obrigado a, de quando em quando, vir "pessoalmente dar seu soco em algum

[451] *O Observador*, 14 de Agosto de 1849, p.2.

camponês que não queria largar o seu pau" e a chamar a força de Caçadores 7 para obrigar os criados de gado e outros mancebos a desocuparem os camarotes.

A Misericórdia mandou construir uma praça na zona do Pinhal, em terreno que pertencera ao extinto Convento de Santo António. Tinha altos muros de alvenaria e quatro portas de entrada (do sol, da sombra, do cavaleiro e dos touros) e um postigo para a venda dos bilhetes.

Em 22 de Abril de 1851, constituiu-se uma Comissão, formada por sete mesários da Santa Casa da Misericórdia, todos pertencentes às mais importantes famílias locais, com a intenção de construir uma praça de touros que produzisse rendimentos para financiar as obras assistenciais sustentadas por aquela instituição. Foram emitidas acções, mas, como faltavam 430$000, a Mesa deliberou entregar à referida Comissão essa quantia, retirada dos fundos destinados a serem mutuados.

Nem sempre as touradas primavam pela qualidade, como se conclui de um ofício do Administrador do Concelho, com data de 27 de Agosto de 1876: "A experiência, já de alguns anos, tem-me demonstrado cabalmente que, na praça de touros desta Vila, é impossível haver uma tourada, já não digo boa, mas ao menos regular; há-de ser sempre o que tem sido até aqui: uma burla completa, uma fraude, um engano ao público (...)"[452].

Muitas vezes, as corridas eram interrompidas por não ser cumprido o programa, umas vezes porque era "péssimo" o gado que os empresários apresentavam, outras por causa da imperícia dos "capinhas" (bandarilheiros) contratados. A Misericórdia recebia então 20$000 pelo arrendamento da praça em cada tarde. Nessa época, já a tourada se efectuava em 7 e 8 de Setembro, único mês em que havia espectáculos do género da Figueira, com o objectivo de elas coincidirem com as festas da Senhora da Encarnação, que decorriam em Buarcos.

Nos finais do século XIX, ficaram célebres as corridas organizadas por Carlos Relvas em favor da Santa Casa da Misericórdia. Duas delas, que passaram por ser brilhantes, decorreram em 1884[453]. A praça da Misericórdia foi desactivada depois da abertura do Coliseu Figueirense.

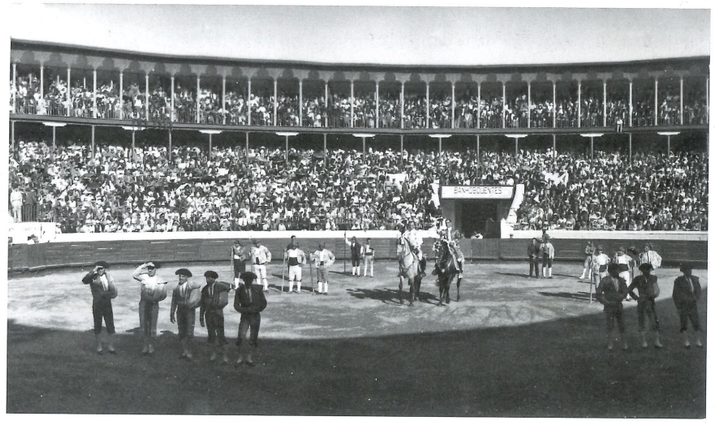
Uma nova fase do toureio iniciou-se com a abertura da praça do Viso (Coliseu Figueirense), em 25 de Agosto de 1895. A tourada inaugural contou com a presença

[452] A. U. C., *Governo Civil*, "Misericórdias".
[453] José Pinto dos Reis, *A Misericórdia da Figueira e o seu hospital*, Figueira da Foz, 2004, p. 50.

de um dos maiores cavaleiros daquele tempo, Alfredo Tinoco da Silva. Entre os cinco bandarilheiros contavam-se também três dos grandes nomes dessa especialidade em Portugal (João Calabaça, Teodoro Gonçalves e Jorge Cadete), além de um espanhol. As pegas estiveram a cabo de um grupo de forcados capitaneados por um tal Jacaré, de Vila Franca de Xira.

Em 1915, o Coliseu continuava a assistir à actuação dos toureiros de maior nomeada na altura: os cavaleiros Casimiros (pai e filho), os bandarilheiros Teodoro e Cadete, alem de outros.

Uma conta publicada num jornal local[454], referente à corrida que decorrera em 23 de Setembro desse ano, demonstra que o negócio nem sempre era rendoso. De facto, a receita foi de 24.420$00, enquanto a despesa se cifrou em 29.447$00, o que significou um saldo negativo de mais de 5 contos. As verbas que mais pesavam eram a compra e aluguer de touros (10 contos), o pagamento ao cavaleiro José Casimiro (3 contos, verba elevadíssima para a época) e o aluguer da praça (mais 3 contos).



Tourada no Coliseu Figueirense (anos 40).

Em Agosto e Setembro de 1927, tiveram lugar no Coliseu corridas com touros de morte, mas o trabalho dos "espadas" não agradou, em particular porque um dos touros foi "muito mal estoqueado", o que provocou assobios do público. Estes factos e outras considerações levaram um comentador a escrever o seguinte: "(...) o que nos convenceu mais uma vez que por mais atractivos com que se reclamem as toiradas, não é fácil chamar concorrência. São espectáculos que não se coadunam com o temperamento da nossa raça, sendo inútil tudo quanto façam para lhes criar ambiente.

[454] *O Figueirense*, 4 de Outubro de 1923, p. 3.

Com toiros de morte ou sem eles, as toiradas têm os seus dias contados"[455]. Registe-se que, já em Agosto de 1924, tinha ocorrido a morte de um garraio no Coliseu, o que provocou alguma contestação.


Coliseu
Figueirense
Praça de Toiros da Figueira da Foz
A GRANDIOSA EPOCA TAUROMÁQUICA DE 1942
Empreza JOSÉ RODRIGUES TRINDADE
A Empreza desta praça, a segunda praça de toiros do País, closo seu brio e dos conhecimentos técnicos, vai afirmar brilhantemente a sua notável «afición» organizando cinco sensacionais corridas com o pessoal mais querido e discutido entre cavaleiros, bandarilheiros e gente de barrete, sendo uma delas de lide à espanhola com os formidáveis espadas Fuentes e Minuto.
26 de Julho—Cavaleiro: João Branco Núncio e Dr. Fernando Salgueiro. Bandarilheiros: Agostinho Coelho, Júlio Procópio, Francisco Gonçalves, António Correia, Carlos Santos. Forcados: Grupo de Edmundo d'Oliveira. Toiros de *Emílio Infante & Irmão, de Vale de Figueira.*
9 de Agosto — Cavaleiros: Simão da Veiga Júnior e José Casimiro. Bandarilheiros: Júlio Procópio, Jerónimo Pió Flores, António Dias, José Segarra, Carlos Santos. Forcados: Gabo Grupo Caret. Toiros de *Terré & Irmão—da Golegã.*
16 de Agosto — *Corrida à espanhola*—Espadas: Fuentes e Minuto, acompanhados das quadrilhas de bandarilhas. Cavaleiro: Vasco Jardim. Bandarilheiros: Júlio Procópio, António Dias e Carlos Santos, José Segarra, António Correia. Toiros e Novilhos de *João Forras*...de Evora, comprados especialmente para esta corrida.
23 de Agôsto ...Cavaleiros: Simão da Veiga Júnior e Dr. Fernando Salgueiro, Bandarilheiros: Júlio Procópio, António Dias, José Segarra, Carlos Santos e Augusto Gomes, Forcados: o destemido Grupo da Moita Carrasco. Toiros de *Andrade & Irmão...de Almeirim*—estes toros são de Raça espanhola.
6 de Setembro — Cavaleiros: João Branco Núncio e José Casemiro. Bandarilheiros: Agostinho Coelho, Júlio Procópio, Francisco Gonçalves, Gerónimo Pió Flores e António Dias. Forcados: O grupo Amador de Santarém. Toiros de *Terré & Irmão*—da Golegã.
Formidável organização de variedade artística!!! Um colossal «Cartel-taurino!!! O brilhante conjunto das maiores figuras da *Festa Brava!!!*. Transporte assegurado pelas linhas da *Companhia Portuguesa e da Beira Alta.*

Coliseu Figueirense – programa para a época tauromáquica de 1942.

Nos meados do século XX, o Coliseu Figueirense contava habitualmente com a presença de grandes cavaleiros nacionais (Simão da Veiga, João Branco Núncio, Manuel Conde, Fernando Salgueiro, Luís de Ataíde, José Casimiro) e de bandarilheiros célebres (Manuel dos Santos, 1949 e 1953; António Santos e Armando Soares, 1957; Diamantino Viseu, 1949 e 1958). Na que foi considerada uma das mais memoráveis touradas, em 7 de Agosto de 1960, actuaram "mano a mano" os afamados matadores Diamantino Viseu e Manuel dos Santos.

Um espectáculo diferente, porque raro, eram as corridas "à antiga portuguesa". Encontrei duas referências a elas: uma em 1923 e outra em 1957. Esta última ocorreu em 8 de Setembro, em benefício do Hospital da Misericórdia e da Obra da Figueira. O cortejo, com o aparato e protocolo próprio deste tipo de corridas, partiu do Ténis Clube e atravessou o Bairro Novo em direcção ao Coliseu. Incorporaram-se nele as senhoras da comissão organizadora, cavaleiros em montadas ricamente guarnecidas, forcados, campinos, moços de curro, "azémola das farpas", filarmónicas e toda uma série de outros elementos.

[455] *O Figueirense*, 1 de Setembro de 1927, p. 2.

Além das corridas com toureiros profissionais, também decorriam "garraiadas" desempenhadas por amadores, em geral a "rapaziada artística" (artesãos e operários), nas quais eram lidados "bois naturais dos nossos campos" e não gado bravo, dado o pouco conhecimento que os intervenientes tinham da "arte". Entre os cavaleiros amadores dos finais do século XIX, distinguiram-se um indivíduo de apelido Saramago e Albano Custódio (1876-1905), que depois se tornaria cavaleiro profissional e viria a morrer no Brasil. Havia ainda o toureio burlesco, em que participavam algumas populares figuras, como as que eram conhecidas pelas alcunhas de João Garanhão e José Pequeno.

Para levar a efeito garraiadas, foi constituído na Figueira um Rotário Clube Taurino, em princípios de 1928 (a sua primeira reunião "oficial" decorreu em 26 de Fevereiro), que fazia corridas só para sócios, à porta fechada. Os objectivos desta associação, que chegou a ter estatutos, eram os seguintes: propaganda do toureio; promoção das festas taurinas; e reunião periódica em banquetes. Durante a parte gastronómica, um dos presentes dissertava sobre um dos assuntos relacionados com os fins do clube, havendo também um comentador (ou "censor"), como era uso nos clubes rotários.

Os membros deste clube, segundo parece, eram seleccionados. Pelos nomes de alguns dos associados – Ernesto Tomé, José Assalino, Fernando da Costa Mendes, António Silva, além dos elementos da "velha guarda", ou seja, Carlos da Silva Pestana, Alberto Carlos Vaz (da Carapinheira, que fornecia os touros), António Teodoro Pires de Castro, Maurício Pinto e Inácio Pinto – vê-se que era constituído, maioritariamente, por gente relacionada com os meios comerciais e proprietários.

Em Setembro de 1956, decorreu no Coliseu uma "diversão" a que foi dado o nome de Rapsódia Taurina, que mais não era que uma "sucessão de brincalhotices" entre homens e garraios.

O Coliseu Figueirense serviu também de palco a outros espectáculos não tauromáquicos, tais como certames de ranchos folclóricos (ver esta alínea) e a exibição de Marchas Populares de Lisboa (de Alcântara e Santa Catarina, em 1955).

Uma outra memorável iniciativa foi a actuação dos Harlem Globetrotters, constituída por jogadores negros, verdadeiros "mágicos" do desporto (basquetebol, saltos e ténis de mesa), que efectuaram autênticos prodígios de precisão e comicidade. Este acontecimento inédito teve lugar em 21 de Agosto de 1955.